Apoio

Realização

Governo do Estado do Ceará
Secretaria da Educação

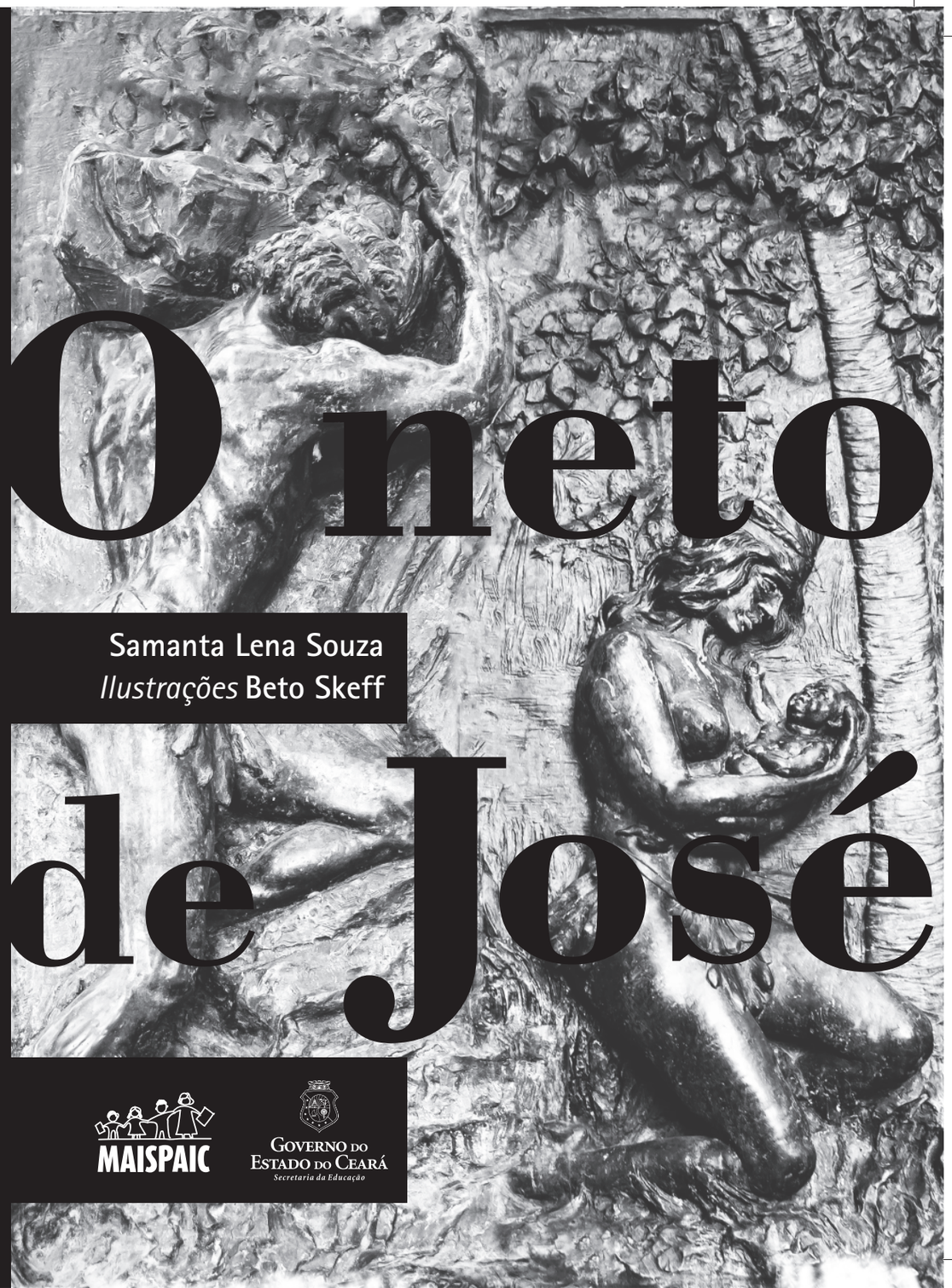
COLEÇÃO MAIS PAIC
MAIS LITERATURA

Este livro integra a Coleção Juvenil **MAIS PAIC MAIS LITERATURA**, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 6° e 7° anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: *http://www.paic.seduc.ce.gov.br*

ISBN 978-85-8171-217-8

VENDA PROIBIDA



O neto de José

Samanta Lena Souza
Ilustrações Beto Skeff

MAISPAIC

Governo do Estado do Ceará
Secretaria da Educação

Coleção Mais PAIC
MAIS LITERATURA

O neto de José

Samanta Lena Souza
Ilustrações Beto Skeff

MAISPAIC
Governo do Estado do Ceará
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

Copyright © 2018 Samanta Lena Souza Farias
Copyright © 2018 Beto Skeff

Governador
Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário da Educação
Rogers Vasconcelos Mendes

Secretária-Executiva da Educação
Rita de Cássia Tavares Colares

Coordenador de Cooperação com os Municípios (COPEM)
Márcio Pereira de Brito

Orientadora da Célula de Apoio à Gestão Municipal
Gilgleane Silva do Carmo

Orientador da Célula de Fortalecimento da Aprendizagem
Idelson de Almeida Paiva Júnior

Orientadora da Célula do Ensino Fundamental II
Ana Gardennya Linard Sírio Oliveira

Coordenação Editorial, Preparação de Originais e Revisão
Kelsen Bravos

Projeto e Coordenação Gráfica
Daniel Dias

Design Gráfico
Emanuel Oliveira
Eduardo Azevedo

Revisão Final
Marta Maria Braide Lima
Sammya Santos Araújo

Conselho Editorial
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Sammya Santos Araújo
Antônio Élder Monteiro de Sales
Sandra Maria Silva Leite
Antônia Varele da Silva Gama

Catalogação e Normalização
Gabriela Alves Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F224n Farias, Samanta Lena Souza.

O neto de José / Samanta Lena Souza Farias; ilustrações de Beto Skeff. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

24p. il.

ISBN 978-85-8171-217-8

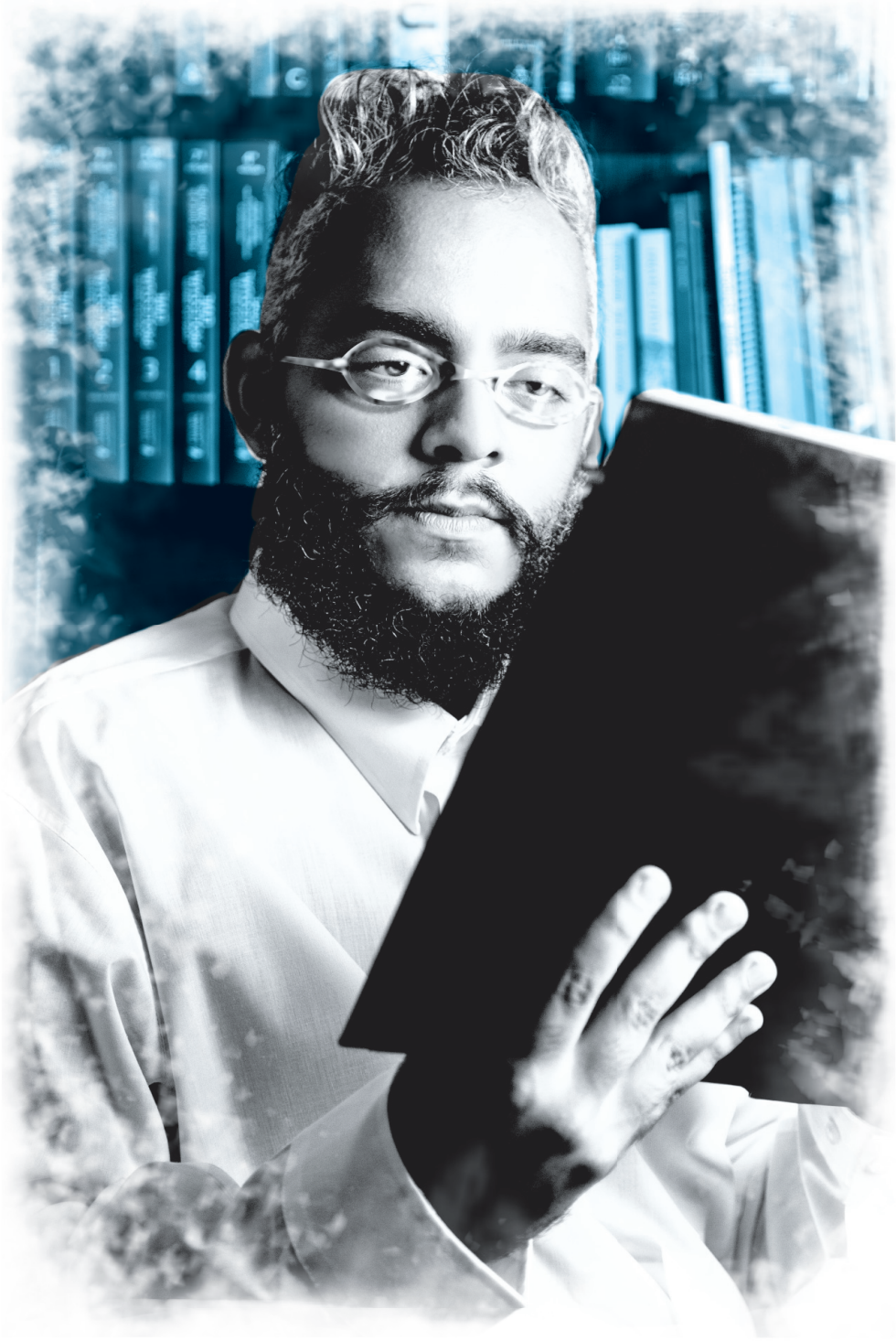
1. Literatura infantojuvenil. I. Skeff, Beto. II. Título.

CDU 028.5

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará
Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba
Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325
(Todos os Direitos Reservados)

Às pessoas que me deram um nome e uma vida para viver: Henrique e Laura, obrigada por me amarem e me apoiarem incondicionalmente. Bê, obrigada por me mostrar a cor e o amor nesse mundo. Obrigada por ser porto.



Lá pelas bandas do Alagadiço Novo, na Messejana, nasceu um barbudinho bem espevitado que, antes de eu nascer, foi advogado, jornalista e se meteu até com política. Foi deputado e ministro da justiça antes de ser escritor.

Esse barbudinho pegou gosto pela escrita, e, nascido aqui na Terra da Luz, escreveu sobre as belezas da nossa terra e sobre a força do povo cearense que criou e alimentou essa terra onde estou agora escrevendo esta história.

Quem foi esse povo que fundou a Terra da Luz? Antes de o meu pai chegar naquelas caravelas enormes vindas de Portugal, minha mãe já morava aqui com seu povo, os índios, e essa terra não tinha um nome, não que eu saiba.

Meu pai que veio lá de Portugal, Martim Soares Moreno, ancorou aqui e deu a esta terra o nome de Forte de São Sebastião, mas o nome não vingou. Os holandeses tomaram o forte - que ficava onde hoje é a Barra do Ceará - e dominaram o lugar; mas construíram um outro sobre o Monte Marajaitiba e o chamaram Schoonenborch. Cinco anos depois, os portugueses voltaram ao poder e rebatizaram o forte com o nome definitivo: Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção.

Quando meus pais se conheceram, eles se estranharam. Minha mãe Iracema, muito conhecida também como a Índia dos lábios de mel, me contava que conheceu meu pai, porque atirou uma flecha nele. Na terra que ainda não tinha nome, meu pai Martim foi visto como um invasor, e minha mamãe só se defendeu da ameaça que acreditava ser ele.

Ela também conta que ele mostrou muito respeito por não descontar a flechada que havia levado, dizendo que lá em Portugal sua mãe o tinha ensinado que a mulher é um símbolo de respeito e ternura, portanto ele nunca iria revidar nada que uma mulher fizesse contra ele. Minha mamãe, Iracema, para selar a paz entre eles, quebrou a flecha.

Papai e mamãe se apaixonaram depois de quebrar essa flecha e tiveram uma história de amor, bem difícil e bonita, contada pelo meu vovô, José, no livro que tem o nome da minha mãe.

Eu, Moacir, filho de Iracema e Martim e neto de José de Alencar, depois de muito tempo, resolvi contar minha história e mostrar-lhes onde podem encontrar meus parentes e conhecer a minha história que também é a história de vocês!

A nossa primeira parada é numa praça que está no coração da cidade: o centro de Fortaleza. É lá que vamos encontrar o monumento feito em homenagem ao vovô e o teatro que tem o nome dele. Que chique!

Quando meu avô fez aniversário de 100 anos, lá na praça que tem o nome dele, construíram uma estátua medonha! Ela tem sete metros e conta com figuras em alto-relevo de suas criações mais importantes: tem eu, minha mãe Iracema e o tio Peri.

Chegando lá, no teatro que tem o nome dele, eu fiquei bestinha com o tanto de beleza que tem lá dentro. Fiquei muito orgulhoso dele ter sido alguém tão importante para essa cidade e para o mundo inteiro.

Lá no Centro, ainda existe, em frente ao Mercado Central, o Forte Nossa Senhora da Assunção que foi construído pelos portugueses. Lá dentro, tem uma estátua do meu pai Martim, apelidado de guerreiro branco pelo vovô.

Depois eu fui descendo pelas ruas do Centro, passando pelo Passeio Público, que oficialmente se chama Praça dos Mártires, e vi aquele baobá bem grandão que tem mais de cem anos e continua bem verdinho dando sombra para a gente. Vi a Santa Casa de Misericórdia, até que encontrei lá na leste-oeste, do lado do mar, escondidinha, no meio daquela ruma de carro, a estátua da minha mãe feita pelo artista cearense Descartes Gadelha.

Seguindo pela orla da nossa cidade, eu cheguei lá na praia que tem o nome da mamãe, onde o artista Zenon Barreto fez uma estátua linda de ferro da minha mãe chamada, Iracema, A Guardiã.

Meus pais foram pessoas muito importantes nessa cidade, pensei isso, e nem sequer cheguei a metade do passeio. Por isso que eles sempre diziam para mim que eu era o primeiro cearense, e só agora esse entendimento do que eu sou, toma conta de mim. Eu sou filho dessa terra, assim como minha mãe, meu pai, meu avô e todos vocês que estão lendo minhas palavras. Somos irmãos de uma terra que nos acolheu e nos deu abrigo. Precisamos cuidar dela!

Lá em um dos espigões da praia, eles colocaram a história que meu avô contou em grandes pedaços de ferro de dois metros de altura. A ideia é linda, mas as peças se perderam em meio a tantas pichações, tábuas quebradas e ferrugem que dominavam o espaço. Fechei os olhos e imaginei aquele espaço sem esses tristes detalhes e me deu vontade de ajeitar aquilo ali. A nossa história e a da nossa cidade não devem ser esquecidas assim.

Descendo mais pelos lados da Beira -Mar, encontrei uma estátua que homenageia a obra Iracema, feita para comemorar os 100 anos que essa história foi contada por vovô.

A estátua foi colocada lá porque, de acordo com mamãe, tinha sido o lugar que ela esperou meu pai voltar da guerra. Nessa estátua tem o cachorrinho do meu pai, o Japi.

Continuei meu caminho pela orla da Beira-Mar e cheguei até Messejana para visitar a casinha que meu avô nasceu. É verdade que a casa é bem pequena, mas o sítio é imenso. Lá dentro, além de ter a casinha do vovô, tem uma pinacoteca, um museu, peças indígenas e objetos que foram usados na época da escravidão no Ceará. Tive um medo medonho de imaginar que pessoas usavam aqueles negócios para fazer mal a outras!

Também tem uma biblioteca, além de uma exposição com gravuras da mamãe e sobre uma das histórias mais conhecidas que o vovô criou: Iracema.

A casinha é muito linda. As portas e janelas são de madeira e bem azuizinhas. A madeira é pesada, característica da época do vovô, na qual as construções eram feitas para durar muito tempo e estão durando!

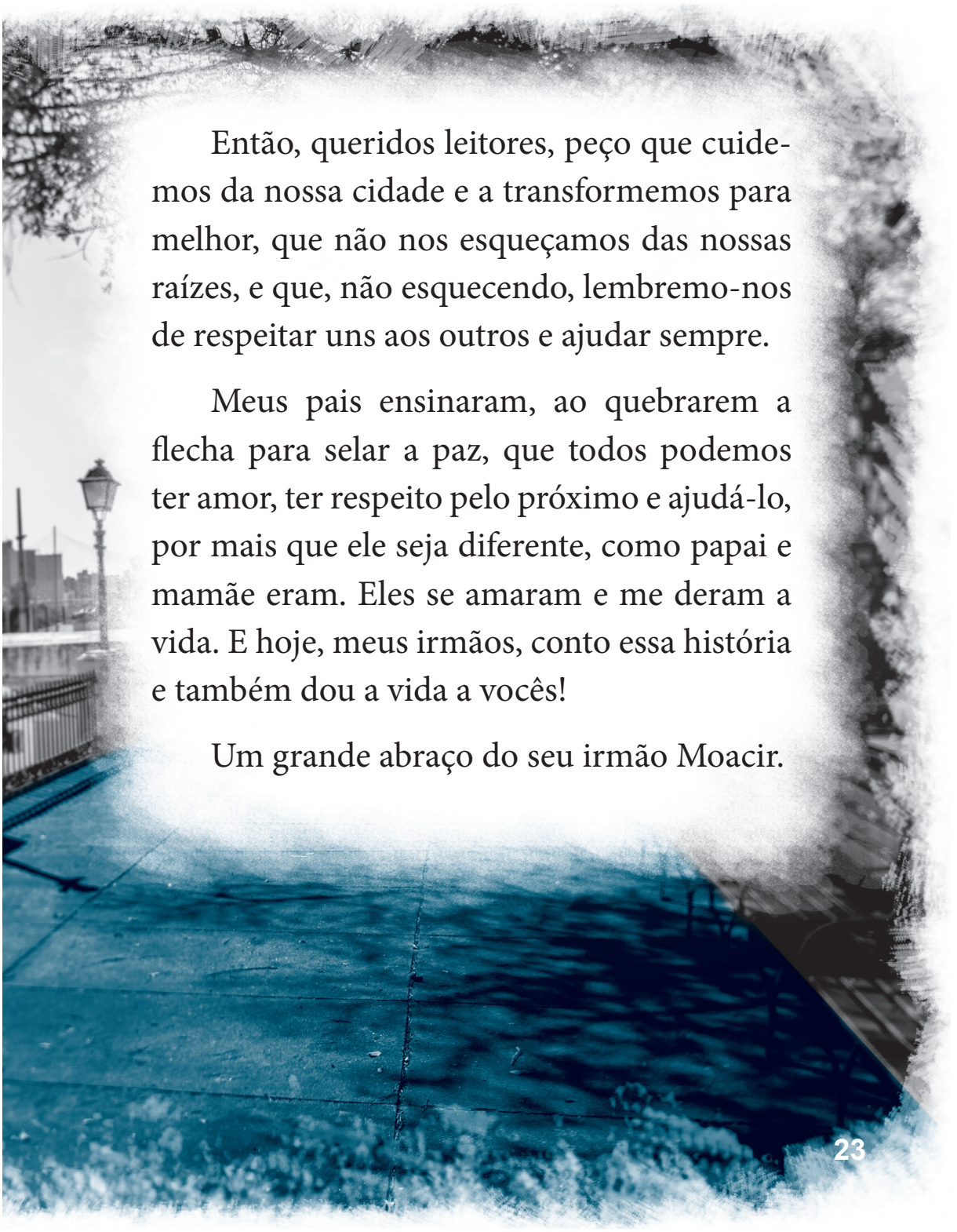
As paredes são todas branquinhas e tem um fogão à lenha. Quase que cheguei a ver o vovô de tanto que senti a presença dele lá dentro. Que saudade boa de sentir!

É cheio de árvores onde o vô Zé nasceu, acredito que ele ficava lá sentadinho, pensando e criando suas obras que hoje são conhecidas não só na nossa cidade, mas também no Brasil e no mundo todo. Falando nisso, vocês sabiam que a minha história foi contada até em francês? Très chic, n'est-ce pas?

A última parada desse passeio é também na Messejana, terra do vovô. Lá dentro da lagoa da Messejana tem uma estátua da mamãe, enorme, feita pelo incrível artista Alexandre Rodrigues.

Terminando esse passeio, eu pude perceber a importância da cultura do índio, mas também a importância da cultura portuguesa que aqui aportou junto com as caravelas, e da literatura que conta a nossa história.

Fortaleza é uma cidade linda, cheia de belezas naturais, de cultura viva, arborizada, de gente simpática e receptiva, mas é esquecida pela gente que não a olha com cuidado e respeito.



Então, queridos leitores, peço que cuidemos da nossa cidade e a transformemos para melhor, que não nos esqueçamos das nossas raízes, e que, não esquecendo, lembremo-nos de respeitar uns aos outros e ajudar sempre.

Meus pais ensinaram, ao quebrarem a flecha para selar a paz, que todos podemos ter amor, ter respeito pelo próximo e ajudá-lo, por mais que ele seja diferente, como papai e mamãe eram. Eles se amaram e me deram a vida. E hoje, meus irmãos, conto essa história e também dou a vida a vocês!

Um grande abraço do seu irmão Moacir.

Samanta Lena Souza

Chamo-me Samanta, sou nascida e criada em Fortaleza e hoje sou professora, mas quando pequena era apenas uma mini devoradora de livros. Desde sempre essa paixão pelas histórias me leva através do tempo, por continentes e lugares inimagináveis que me permitem conhecer culturas, histórias e pessoas, sempre aprendendo com tudo. Ler, para mim, é nunca estar sozinha, é ter o mundo inteiro nas mãos e viajar sentada no mesmo cantinho. Embarquemos, então, nesse mundo repleto de histórias e voemos juntos!

Beto Skeff

Quando vi o mundo, pela primeira vez, era Sertão. Um lugar tão bonito e tão imenso, bem no meio do Ceará. Uma vida que mudava de cor: alaranjava, enverdecia e me ensinava sobre o tempo. Queria contar do que via, mas nunca me senti tão à vontade entre as palavras, comecei a fotografar. Estudei Design na faculdade, me especializei em Marketing, com o desejo de aliar esses conhecimentos aos do campo da imagem. Cada dia, reaprendo o prazer de contar histórias, de falar da vida em imagens, uma conversa em camadas, das superficialidades às intimidades do mundo.